



Lighthouse/123RF

# **Fernando Ortiz e a rede transatlântica de intercâmbios**

*José Luis Bendicho Beired*

## resumo

O cubano Fernando Ortiz desenvolveu um conjunto de iniciativas que o consagrou como um personagem de proa da vida intelectual latino-americana. Abriu novas perspectivas para o estudo do negro e das relações interétnicas ao propor temáticas e interpretações inéditas, a exemplo do conceito de “transculturização”. Neste texto analisamos como a perspectiva transcultural marca tanto a sua obra quanto a sua ação como intelectual público. Para tanto nos deteremos sobre suas pesquisas a respeito do negro e da transculturização, assim como sobre sua atuação para combater o racismo e promover a solidariedade política e o intercâmbio intelectual no espaço atlântico.

**Palavras-chave:** Cuba; transculturização; negro; racismo; exílio republicano espanhol.

## abstract

*The Cuban Fernando Ortiz developed a set of initiatives that consecrated him as a leading character of Latin American intellectual life. Fernando Ortiz opened new perspectives for the study of black people and interethnic relations by proposing unprecedented themes and interpretations, such as the concept of “transculturation.” In this text, we analyze how the cross-cultural perspective marks both his work and his action as a public intellectual. To do so, we will focus on his research on black people and transculturation, as well as on his action to combat racism and promote political solidarity and intellectual exchange in the Atlantic area.*

**Keywords:** Cuba; transculturation; black; racism; Spanish Republican exile.

S

em sombra de dúvida, Fernando Ortiz (1881-1969) foi o intelectual cubano mais importante do século XX, quer por suas pesquisas sobre as relações interétnicas, quer por suas atividades como personalidade pública. Desenvolveu uma obra pioneira que estabeleceu os fundamentos para o estudo sistemático do papel da população negra na história de Cuba, sobretudo no campo das relações raciais e das manifestações culturais. Para explicar o complexo entroncamento de diferentes povos do mundo no território cubano, Ortiz lançou mão do conceito de “transculturação” no livro *Contrapunteo del tabaco y del azúcar*, de 1940, cuja formulação original consagrou-o no campo da antropologia acadêmica internacional.

Pertencente a uma próspera família de origem espanhola, Ortiz passou da infância à juventude entre dois mundos, o da sua Cuba natal e o da Espanha. Com um ano,

foi levado pela mãe à ilha de Menorca, onde cresceu falando o *lemosín*, dialeto catalão de um lugar intercultural por excelência em vista do cruzamento de povos e civilizações do Mediterrâneo. Precozmente manifestou sua vocação etnográfica, ao publicar ali seu primeiro livro, *Principi i prostes*, isto é, entradas e sobremesas, a respeito do folclore e da literatura *costumbrista* local (Ortiz, 1915).

Aos 14 anos retornou à América para cursar direito na Universidade de Havana, justamente no início da definitiva guerra de independência de Cuba (1895-98), voltando à Espanha no final do conflito para concluir o bacharelado na Universidade de Barcelona. Em seguida, durante o doutorado em direito na Universidade de Madri, na área de criminologia, tomou o primeiro contato com a temática à qual devotou os seus estudos – decifrar o enigma do papel

---

**JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED** é professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Assis.

do negro na história cubana. Seu retorno a Cuba, em 1902, coincidiu com o fim da intervenção militar norte-americana e o estabelecimento do primeiro governo cubano eleito. Realizou então um segundo doutorado na Universidade de Havana e em seguida partiu para a Europa, onde trabalhou como cônsul do serviço diplomático em La Coruña, Gênova, Marselha e finalmente como secretário da legação de Paris. Essa estadia permitiu-lhe não só dividir as obrigações profissionais com suas pesquisas como também ampliar seus contatos acadêmicos e relações pessoais, a exemplo da amizade travada com dois expoentes da criminologia italiana, Cesare Lombroso e Enrico Ferri.

Ao estabelecer-se definitivamente em Cuba, em 1905, trabalhou como procurador da Audiência de Havana (Corte Suprema da República) e em seguida como professor de direito na Universidade de Havana, tornando-se uma destacada figura dos círculos acadêmicos, culturais e políticos da ilha. Tanto a sua original produção sobre o negro quanto as suas inúmeras atividades em prol da cultura, da educação, da democracia, da igualdade social e da soberania política de Cuba explicam a sua projeção como intelectual e homem público dentro e fora da ilha. Reativou e dirigiu a centenária *Revista Bimestre Cubana*, presidiu a prestigiosa Sociedad Económica de Amigos del País (Seap), colaborou permanentemente na imprensa, atuou como deputado do Partido Liberal, representou o país diplomaticamente, fundou inúmeras publicações e entidades dedicadas à ciência e à cultura, e interveio permanentemente na vida pública, mesmo depois de abandonar a política em 1927.

## OS ESTUDOS AFRO-CUBANOS

No início do século XX, com cerca de 1,5 milhão de habitantes, Cuba era um país recém-independente da Espanha e sob a tutela dos Estados Unidos. A base econômica agroexportadora havia moldado a estrutura social da ilha, composta de uma maioria de origem europeia que formava dois terços da população, de um terço de afrodescendentes cujos ancestrais haviam sido escravos e um por cento de chineses. Apesar da ativa participação dos afrodescendentes no processo de independência de Cuba, tal segmento da população continuava sendo o mais pobre e objeto do preconceito e da discriminação racial. Receosos da africanização do país, as autoridades cubanas restringiam a entrada de trabalhadores negros provenientes do Caribe, ao mesmo tempo em que estimulavam a imigração europeia, especialmente espanhóis provenientes da Península Ibérica e das Ilhas Canárias. Formando a camada mais pobre da população, os afrodescendentes eram alvo de preconceito dos brancos tanto pelas suas tradições culturais e religiosas quanto por serem associados a práticas delitivas. Mais do que isso, essa população representava um fator que colocava em xeque a própria identidade nacional, concebida como essencialmente branca e hispânica pelos grupos dirigentes. Foi sob tal contexto de divisão racial que Fernando Ortiz iniciou os seus estudos a respeito da população negra.

Em 1906, Ortiz publicou em Madri *Los negros brujos*, autodefinido como um estudo de etnologia criminal e primeiro livro de uma coleção intitulada *Hampa Afrocubana*. Com um elogioso prefácio de Cesare Lombroso, o estudo buscava descrever os tipos

humanos da chamada *mala vida* – má vida – cubana e desvendar os fatores psíquicos que inclinariam a comunidade negra na direção do crime e das práticas antissociais. Com base nos conceitos positivistas e racialistas da antropologia criminal da época, os negros eram tratados como inferiores em termos morais, psíquicos e intelectuais, condição que se refletia em um conjunto de deficiências: na religião, nos hábitos, na linguagem, nas artes, nas relações sexuais e familiares. A obra concebia ainda esses grupos como vítimas de um primitivismo ancestral herdado – o chamado atavismo – do qual não conseguiam libertar-se. Foram pesquisadas e conectadas as raízes africanas, ibéricas e cubanas do comportamento dos negros, em especial dos bruxos, dos *curros* (nome dado aos delinquentes) e do *ñañiguismo* ou *Abakuá* – sociedade criminosa secreta de origem africana. Ao identificar os males que afligiam a sociedade cubana, Ortiz pretendia contribuir para a regeneração do tecido social e o progresso moral da nação, a realizar-se por meio de políticas governamentais. Uma das suas referências era o médico brasileiro Nina Rodrigues, cujos estudos visavam a explicar o comportamento do negro no Brasil por meio do fetichismo e do atavismo.

Nos anos seguintes Ortiz tornou-se a principal autoridade sobre os afrodescendentes na América Latina ao promover investigações inovadoras que aliavam o exame de temas e fontes inéditas a uma surpreendente erudição e atualização científica. Em termos teóricos – mas não sem ambiguidades –, abandonou o positivismo evolucionista e o determinismo biológico, em favor da perspectiva cultural desenvolvida no âmbito da antropologia norte-americana, especial-

mente por Franz Boas, Melville Herskovits e Bronislaw Malinowski. Nas duas décadas seguintes publicou inúmeros trabalhos, dos quais se destacam: *Las rebeliones de los afrocubanos* (1910), *Hampa afrocubana: los negros esclavos* (1916), *La fiesta afrocubana del Dia de Reyes* (1920), *Los cabildos afrocubanos* (1921), *Historia de la arqueologia indocubana* (1922), *Un catauro de cubanismo, apuntes lexicográficos* (1923), *Glosario de afronegrismos* (1924). Tais estudos eram baseados em fontes primárias inéditas e vasta bibliografia internacional, de modo a reconstruir a trama de fios que uniam a história da ilha aos demais lugares do mundo.

A adoção do paradigma cultural por Ortiz levou ao abandono da tese da inferioridade biológica, psíquica e cultural dos afro-cubanos. A história dos escravos e da população livre deixou de ser tratada negativamente, passando a ser considerada em termos da sua contribuição cultural, econômica e social para a construção da nação. Um passo nessa direção foi dado com a criação da Sociedad del Folklore Cubano e a revista *Archivos del Folklore*, em 1924, no âmbito da Seap. Na década seguinte, um novo impulso foi dado com a inauguração da Sociedad de Estudios Afrocubanos, em 1937. Presidida por Ortiz, tinha a missão de estudar os diversos fenômenos produzidos durante a história de Cuba pela convivência de diferentes grupos étnicos, de modo a explicar suas causas, fatos e consequências, assim como estimular a integração nacional cubana.

As suas pesquisas a respeito da população negra materializaram-se sob a forma de livros publicados nos anos 1950, os quais constituem uma obra monumental para o entendimento das manifestações culturais

cubanas. Os dois primeiros livros intitulavam-se *La africanía de la musica folklórica de Cuba* e *Los bailes y el teatro de los negros en el folklore de Cuba*. Amparavam-se em uma ampla gama de fontes, tais como relatos de viajantes e missionários, estudos de antropólogos, etnógrafos e musicólogos, pentagramas, desenhos e fotografias, assim como observações diretas tomadas por Ortiz, de modo a documentar os aportes africanos e afro-cubanos ao folclore. Os demais livros formavam um tratado de cinco volumes dedicado ao estudo etnográfico da música, com o título de *Los instrumentos de la música afrocubana*. Divididos de acordo com suas características sonoras, os instrumentos foram examinados minuciosamente tanto em termos das suas raízes africanas, influências europeias e recriações cubanas quanto dos seus múltiplos usos no passado e no presente.

Como Ortiz entendia a música folclórica cubana? Era essencialmente uma manifestação dos grupos negros da sociedade cubana: “música característica do *stratum* básico de uma dada sociedade”, por criação própria ou por adaptação da alheia e incorporada ao costume (Ortiz, 1951, p. XV). O seu juízo a respeito da sociabilidade da música africana e afro-cubana rompia o senso comum que a confundia com a desordem, a ignorância e a irracionalidade. Definindo-a como democrática e comunitária – conjuntamente com o canto, o baile e a pantomima –, era mais do que um elemento de distração típico da música dos brancos. Com base na antropologia e nas suas observações, atribuía-lhe uma função essencial para a manutenção da coletividade: “[...] é música para o trabalho e o prazer coletivos, para a produção econômica e a distribuição, para o governo e

a guerra, para o templo e a magia, para a família e a escola, para o amor e a morte” (Ortiz, 1951, p. 3). Em suma, a música e demais expressões culturais afro-cubanas eram elementos estruturantes da organização social da comunidade negra.

Segundo Ortiz, poucos anos antes teria sido escandaloso reconhecer a contribuição positiva da cultura negra para a formação da nacionalidade cubana. Mas considerava que os tempos eram outros, oferecendo abertura para a compreensão desse fato. Em seu balanço do folclore afro-cubano, via uma arte original com positivas contribuições humanas e estéticas capazes de serem vertidas na arte universal. Olhando para o futuro com otimismo, Ortiz acreditava que estava em curso no mundo uma revolução que poderia propiciar a compenetração de todos os valores musicais dos povos sob a forma de uma progressiva *panmixia* de artes, de cores e de culturas. Em suas palavras: “*La mulatez va más ala de los cruces de los pigmentos, alcanza la mixtura de las ideas, las emociones, las artes y los costumbres*” (Ortiz, 1951, p. 453; 1952-55, v. 1, p. 10).

## TRANSCULTURAÇÃO

O conceito de transculturação é central na obra mais difundida de Fernando Ortiz, *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, cuja amplitude de objetivos era sugerida pelo subtítulo – *Advertencia de sus contrastes agrários, económicos, históricos y sociales, su etnografía y su transculturación*. Na introdução à primeira edição, o antropólogo Bronislaw Malinowski refere-se ao encontro com Ortiz em Havana em 1929, no qual o autor cubano disse estar preparando um livro com

um novo vocábulo técnico para substituir as várias expressões correntes – mudança cultural, aculturação, difusão, migração ou osmose de culturas – que considerava imperfeitas. O neologismo foi acolhido com entusiasmo por Malinowski, que redigiu um texto a respeito do conceito de transculturação como introdução ao livro. As elogiosas palavras emitidas por um dos mais renomados antropólogos da época decerto contribuíram para a feliz fortuna acadêmica internacional da nova formulação do estudioso cubano.

Ortiz objetivava superar as limitações do conceito de aculturação corrente na antropologia anglo-saxônica, uma vez que ela concebia a mudança em um só sentido, ou seja, como aquisição integral de uma cultura diferente, processo no qual uma cultura menos potente seria assimilada pela mais potente. Em contrapartida, o cubano entendia que a perda de uma cultura era um fenômeno de parcial desculturação das diversas partes envolvidas, assim como a mescla resultante do contato gerava um novo fenômeno, a neoculturação. Em suma, o resultado do contato de uma ou mais culturas não era um processo unívoco, mas uma interação que originava algo inédito e diferente dos elementos originais em jogo.

“A verdadeira história de Cuba é a história de suas intrincadíssimas transculturações.” Por meio dessa frase lapidar, Ortiz sintetizava o escopo do livro: explicar os variados e incessantes fenômenos de transmigração de povos e de transmutação de culturas, tarefa imprescindível para a compreensão da sociedade cubana nos seus mais diversos aspectos – econômicos, institucionais, éticos, religiosos, artísticos, linguísticos, psicológicos e sexuais. O processo histórico da ilha é caracterizado no livro

como uma corrente incessante de imigrantes – por vontade própria ou pela força – sempre desterrados pela perda das suas referências culturais originais e em conflito com as condições da sociedade receptora. Tratava-se de um drama violento, uma epopeia que envolvia todos os personagens históricos, pois, nas suas palavras, “acima ou abaixo, todos dividiram um mesmo ambiente de terror e de força: terror do oprimido pelo castigo, terror do opressor pela revanche; todos em processo doloroso de transculturação em direção a um novo ambiente cultural”. O livro demonstra ademais que os componentes humanos participantes de tal processo não podiam ser reduzidos meramente a três entidades genéricas tais como índios, brancos e negros, pois estas categorias subdividiam-se em uma miríade de subgrupos étnicos e culturais provenientes da América, do Mediterrâneo, da África Subsaariana, da Europa continental, da Grã-Bretanha e mesmo do Extremo Oriente (Ortiz, 1987, pp. 95-6).

As duas atividades econômicas principais, a produção de tabaco e de açúcar, são analisadas em termos das técnicas, mão de obra e comercialização e como formadoras de dois universos contrastantes e ao mesmo tempo paralelos. O tabaco nativo é associado ao trabalho livre, à pequena propriedade, ao artesanato, à autonomia e à liberdade. Ao passo que o açúcar, um produto estrangeiro, é associado à escravidão, ao latifúndio, ao absentismo, à opressão, à produção em massa e ao capitalismo internacional. Por meio de uma argumentação histórica, Ortiz demonstra como a produção do tabaco e do açúcar para exportação moldou de forma única a sociedade cubana, entrelaçando-a com o restante do mundo por meio de um

fluxo de trocas que incidiram tanto sobre Cuba quanto sobre diversos povos que de algum modo mantiveram contato com a ilha. Por um lado, a produção para exportação havia causado a radical mudança da composição demográfica e das formas de trabalho em Cuba, assim como a formação de novos hábitos e expressões culturais resultantes da interação das populações de origem europeia, africana e americana. Por outro lado, a difusão mundial do açúcar e do tabaco cubano impulsionou o nascente capitalismo e introduziu novos hábitos de consumo. O tabaco, por exemplo, adquiriu diferentes usos e significados além-mar. Transformado em um bem mercantil, a função coletiva e religiosa desempenhada pelo tabaco entre os indígenas foi abandonada pelos europeus, passando a ter um uso preponderantemente lúdico e individual. O seu consumo foi condenado pela Igreja Católica e a Inquisição, que o associava aos heréticos rituais dos índios, ao passo que encontrou ardorosos defensores entre poetas, filósofos e comerciantes, que no final das contas venceram a contenda e contribuíram para a difusão do seu consumo em massa.

Diferentemente da maioria dos demais outros trabalhos, voltada aos aspectos culturais do negro, *Contrapunteo* sobressai pela perspectiva ampla, ao tratar a transculturação como fato total que articula a história das relações interétnicas aos fenômenos econômicos, políticos, sociais e culturais. A vitalidade da abordagem reside em tratar os fenômenos derivados do contato cultural de diferentes povos sem as limitações impostas pelo etnocentrismo e a perspectiva teleológica. O conceito ganhou tanto mais força quanto maior a crítica ao colonialismo, ao imperialismo e aos padrões

homogeneizadores difundidos pelos países desenvolvidos depois da Segunda Guerra Mundial. Primeiramente foi utilizado pelo mexicano Mariano Picón-Salas, em uma obra clássica a respeito da história cultural hispano-americana colonial, publicada em 1944, para tratar os fenômenos de fusão dos elementos indígenas e europeus que levaram à criação de uma arte mestiça.

Apesar de reconhecido internacionalmente por especialistas de vários campos, o conceito de transculturação não foi adequadamente valorizado pelas ciências sociais do mundo anglo-saxão, as quais têm privilegiado o conceito de aculturação e de sincretismo (Ibarra, 1990, p. 1.349). Apesar disso, os aportes do cubano foram aclamados por uma série de especialistas internacionais. Como reconhecimento de sua obra, Fernando Ortiz recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Columbia nas comemorações do seu bicentenário, em 1954. Para o antropólogo estadunidense Sidney Mintz, Ortiz foi o decano dos estudos afro-americanos por ter se antecipado aos antropólogos norte-americanos nesse tipo de estudos; e para o etnólogo francês Roger Bastide, o cubano não apenas foi o pioneiro, mas o “mestre”.

A inovadora noção de transculturação permaneceu relegada a segundo plano no mundo acadêmico durante anos até que reaparecesse com força. Em 1982, Ángel Rama publicou o livro *Transculturación narrativa en América Latina*; em 1990, o mexicano Néstor García Canclini propôs a expressão “culturas híbridas” para analisar a dinâmica multicultural latino-americana; e em 1992, a norte-americana Mary Louyse Pratt analisou os fenômenos de transculturação no que ela chamava “zonas de contato”, espaços



sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam e se entrelaçam umas com as outras. Nos anos recentes, com o avanço da globalização, a noção de transculturação tem sido uma fecunda fonte de inspiração para os estudos históricos, antropológicos e culturais internacionais. No caso da América Latina, a tese inscrita na noção de transculturação, de que a sua história é fruto de um complexo cruzamento de populações, ideias, religiões e costumes originários de várias partes do mundo, tem alargado os paradigmas acadêmicos, ao apontar o papel dos fatores transnacionais sobre o que convencionalmente é definido como histórias e culturas nacionais.

## INTERCÂMBIOS

Fernando Ortiz notabilizou-se por suas iniciativas para a promoção do conhecimento acadêmico e a difusão cultural, as quais concorreram para a formação de uma rede transatlântica de intercâmbios sob a sua coordenação. A vivência na Europa durante a juventude contribuiu para que construísse uma visão de mundo cosmopolita e um conjunto de relações intelectuais e profissionais que o acompanharam em toda sua trajetória. Imbuído de um espírito modernizador, lamentava o quadro de isolamento e de atraso de Cuba em relação à Europa e aos Estados Unidos. A superação da “modorra tropical” e da herança colonial dependia do estreitamento de laços de Cuba com as nações mais adiantadas de modo a colocá-la em dia com as conquistas dos diversos campos da técnica, da cultura e da ciência.

Seu empenho foi fundamental para a promoção das relações culturais e científicas de

Cuba, Espanha e Estados Unidos. Em 1926, Ortiz assume a presidência da Institución Hispano Cubana de Cultura, fundada com o apoio de empresários e personalidades do cenário cultural e intelectual da ilha. Também conhecida como Hispanocubana, a entidade juntava-se a outras existentes na Argentina, México e Uruguai, com o objetivo de estreitar as relações no âmbito hispano-americano por meio do intercâmbio de homens de ciência, artistas e estudantes, assim como pela manutenção de cátedras e a difusão cultural. A iniciativa representava uma tentativa de resistir às pressões da influência norte-americana sobre Cuba por meio da valorização dos laços históricos e dos interesses comuns entre a ilha, a Espanha e os países da América Latina.

Apesar dos laços familiares e acadêmicos com a Espanha, Ortiz repudiava o movimento pan-hispanista por sua propaganda do passado imperial e a retórica tutelar em relação às antigas possessões americanas. No entanto, admirava as forças progressistas e modernizadoras da sociedade espanhola, com as quais os cubanos poderiam firmar compromissos em torno do conhecimento, da arte e do trabalho. Por trás da iniciativa havia uma inspiração “regeneracionista”, que evocava o movimento intelectual de mesmo nome formado na Espanha no final do século XIX, cujo espírito reformista, Ortiz acreditava, poderia colaborar para o progresso da nação cubana.

Uma série de ações de intercâmbio acadêmico foi organizada entre a Hispanocubana e a Junta para la Ampliación de Estudios (JAE). Criada em 1907 pelo governo espanhol e presidida pelo Prêmio Nobel em Medicina Santiago Ramón y Cajal, a JAE dedicava-se à formação de quadros cientí-

123RF/Sergey Galyamin



Selo cubano comemorativo do centenário de nascimento de Fernando Ortiz

ficos e intelectuais por meio do intercâmbio internacional de professores e bolsas para estudantes. Ortiz dedicou-se a organizar uma ampla rede para vincular diversas instituições das Américas, de modo a possibilitar a circulação de professores por vários países. Graças a tal empreendimento, cientistas, escritores e artistas espanhóis integraram essa rede acadêmica, transitando não só pelo Caribe e a América Latina, mas também os Estados Unidos. Foram realizadas, por exemplo, atividades conjuntas com o Instituto Hispânico da Universidade de Columbia, com a Universidade de Porto Rico e com a Institución Hispano Mexicana de Intercambio Universitário. Nessa primeira fase da Hispanocubana inúmeros nomes da ciência e da cultura espanhola participaram das atividades sob o seu patrocínio, a

exemplo de Federico García Lorca, Ramón Menéndez Pidal, Claudio Sánchez Albornoz, Fernando de los Ríos, María de Maeztu, Luis de Zulueta, Gregorio Marañón, Luis Araquistain, Américo Castro, Blas Carreras, Gustavo Pittaluga, Fabra Rivas, José Casares Gil, entre muitos outros. Duas publicações também foram criadas para divulgar as atividades da instituição: *Mensajes de la Institución Hispanocubana de Cultura* (1928-31) e *Surco* (1930-31).

A participação de Ortiz em uma série de eventos acadêmicos internacionais foi outra dimensão da sua atividade voltada para a troca de conhecimentos científicos, a construção de redes intelectuais e a defesa de bandeiras progressistas. Em 1922, vai ao Congresso de Americanistas, em Roma; em 1928, integra a delegação cubana junto

à Sexta Conferência Panamericana, ocasião na qual Ortiz intervém para a criação do Instituto Panamericano de Geografia e História; em 1930, participa do congresso da American Historical Association, em Boston; em 1943, representa seu país no Primeiro Congresso Demográfico Interamericano, realizado no México; em 1945, participa do Congresso Internacional de Arqueologia do Caribe; em 1949, concorre ao Congresso Indigenista Interamericano de Cuzco; em 1952, ao Congresso de Americanistas em Oxford, e ao de Antropologia e Etnologia em Viena.

Em 1954, Ortiz participa no Brasil de dois eventos promovidos no âmbito das comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. Um deles foi o I Congresso Internacional de Folclore, cuja Comissão de Folclore e Educação, presidida pelo cubano, aprovou uma recomendação aos governos e universidades para apoiarem iniciativas de preservação, pesquisa e ensino das manifestações da cultura popular. O outro foi o XXXI Congresso Internacional de Americanistas, que, sob a presidência de honra do sertanista brasileiro general Cândido Rondon, congregou representantes de 35 países, cabendo a Ortiz uma das vice-presidências e a coordenação da sessão de estudos afro-americanos.

## SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

As atividades da Hispanocubana foram interrompidas pelos sobressaltos da vida política da ilha, abalada pela ditadura imposta pelo presidente Gerardo Machado, que levaram Fernando Ortiz ao autoexílio nos Estados Unidos, em 1931. Residindo em Washington, atuou como embaixador da

revolução antimachadista até a sua queda em 1933. Superada a ditadura, a retomada das atividades da Hispanocubana foi marcada pela eclosão da Guerra Civil Espanhola. O evento repercutiu intensamente em Cuba em vista da enorme colônia de imigrantes espanhóis e dividiu a opinião pública em torno dos dois grupos conflagrados, os republicanos e os rebeldes nacionalistas. Comitês de solidariedade foram organizados para o envio de ajuda material e financeira aos republicanos e cerca de mil voluntários partiram para juntarem-se às Brigadas Internacionalistas contra os rebeldes.

Sob a direção de Ortiz, a Hispanocubana transformou-se em um centro de apoio aos exilados espanhóis que atuava em conexão com outras instituições latino-americanas, norte-americanas e europeias. A fixação dos exilados em Cuba deparou-se com dificuldades em vista do seu reduzido mercado de trabalho e da legislação trabalhista restritiva para os estrangeiros, obrigando a que uma parte dos exilados buscasse melhores condições em outros países das Américas. Por tais motivos, as instituições cubanas de solidariedade foram essenciais. Formaram uma rede de acolhimento que permitiu a manutenção dos exilados por meio de bolsas e subvenções para a realização de atividades acadêmicas, tais como ciclos de conferências e pesquisas em instituições culturais e universidades. Foram mantidas conexões com o México, onde uma instituição de ensino e pesquisa foi criada pelo governo de Lázaro Cárdenas para acolher os exilados, a Casa de España, convertendo-se posteriormente no atual Colegio de México. Para divulgar as atividades da Hispanocubana, Ortiz novamente criou uma revista para a publicação das ações da entidade,

*Ultra* (1936-47), contendo os resumos das conferências, resenhas de livros, novidades científicas e atividades culturais cubanas, pois, para Ortiz, “*ser cultos era la única manera de ser libres*” (Puig-Samper & Naranjo, 1990, p. 808).

A maior parte dos exilados possuía curso superior e era integrada por profissionais, docentes e pesquisadores universitários, artistas, intelectuais e jornalistas. Para sua manutenção, a Hispanocubana promoveu várias atividades, a exemplo da criação da Escuela Hispanocubana Libre de La Habana e dos ciclos de conferências dos quais participaram três centenas de palestrantes, entre 1936 e 1947. Com o tempo, os exilados integraram-se como profissionais e na universidade, desempenhando importantíssimo papel no desenvolvimento de áreas científicas ainda incipientes em Cuba, tais como a medicina, a exemplo de Gustavo Pittaluga, renomado pesquisador de hematologia e doenças tropicais que se radicou definitivamente na ilha. Na condição de presidente da Unión de Profesores Universitarios Españoles Emigrados, entidade fundada anteriormente em Paris, Pittaluga levou a cabo o seu primeiro encontro em 1943, de modo a congregar docentes espalhados por vários países. Reunidos para discutir os problemas da realidade espanhola e propor ideias para reconstruir a Espanha democrática, redigiram ao final um documento, a *Declaración de La Habana*, que ratificava o papel da ilha como um local da resistência internacional à ditadura franquista.

De antiga província ultramarina, mera fornecedora de tabaco e açúcar, Cuba havia se convertido em um dos principais locais de peregrinação dos exilados da hecatombe espanhola. Um espaço além-mar onde eles

punderam encontrar apoio político, suporte material, vínculos intelectuais e de amizade para reiniciarem suas vidas.

## O COMBATE AO RACISMO

A crítica à noção de raça e as iniciativas antirracistas fizeram de Ortiz um dos pioneiros nesse campo na América Latina. Suas primeiras críticas vieram à tona em 1910 na polêmica contra o pan-hispanismo, ao questionar a existência de uma “raça hispânica”, sob o argumento de que raça não era um conceito biologicamente consistente, mas antes um artefato intelectual.

Posteriormente, seus estudos e manifestações públicas a respeito da condição do negro apenas reforçaram os seus argumentos antirracistas e seu protagonismo como intelectual público em favor da igualdade do gênero humano. Em 1929, em uma homenagem recebida em Madri, discursou condenando não só a tese da raça hispânica, assim como todo conceito de raça, afirmando seu caráter falso, estático e dissociador, em contraste com a noção de cultura, definida como dinâmica, universal e capaz de agregar os povos.

Nos anos 30, a criação da Sociedad de Estudios Afrocubanos contribuiu não só para o estudo do negro, mas também para formular propostas para a sua integração. Como resultado, a Constituição Cubana de 1940 passou a declarar ilegal e punível toda discriminação por motivo de sexo, raça, cor ou classe. No mesmo ano, uma resolução foi aprovada pelo VIII Congresso Científico Panamericano, celebrado em Washington, por sugestão de Fernando Ortiz, na condição de delegado de Cuba, declarando que

a antropologia negava apoio científico à discriminação de qualquer grupo social, linguístico, religioso ou político, sob pretexto de ser um grupo racialmente inferior.

Por sua vez, no já citado Primeiro Congresso Demográfico Interamericano, foi acatada sua proposta de resolução de banir o vocábulo “raça” dos documentos oficiais governamentais. Para incrementar o estudo das populações afro-americanas e a defesa da igualdade étnica, foi ainda aprovada a criação do Instituto Internacional de Estudos Afroamericanos. Com sede no México e sob a direção de Fernando Ortiz, teve a participação de personalidades científicas de diversos países americanos. Tais decisões em favor da igualdade acabaram por repercutir na conferência de criação da Organização das Nações Unidas, em 1945, entidade que, entre outros objetivos, buscava fomentar o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais de todos, sem distinção de raça, sexo, idioma e religião.

A obra mais sistemática de crítica ao racismo veio à luz em 1946, com a publicação de *El engaño de las razas*. Escrito no calor do fim da Segunda Guerra Mundial e da denúncia do Holocausto, o livro representava uma resposta aos efeitos deletérios da noção de raça para o bem-estar da humanidade. Era um manifesto de defesa da igualdade humana em que Ortiz rebatia os argumentos das teorias raciais de base biológica, psicológica e antropológica, mostrando que eram frutos do racismo contemporâneo a serviço da opressão de determinados grupos e interesses. Afirmando o caráter universal da mestiçagem, assinalava que ela era essencial para a compreensão da história do conjunto dos países americanos em termos

dos seus componentes étnicos e da sua recíproca transculturação. A obra constituiu tanto uma crítica aos supostos fundamentos científicos do conceito de raça quanto uma defesa ética e moral da dimensão universal do ser humano. A veemente condenação do racismo e a defesa do que chamava a “desracialização da humanidade” outorgaram ao livro um lugar de destaque internacional em um contexto histórico em que o preconceito racial, todavia, encontrava respaldo legal em várias partes do mundo. Não por acaso o livro foi saudado pelos setores que combatiam o racismo nos Estados Unidos, ressaltando a solidez dos seus argumentos e sua contribuição para superar o flagelo do ódio e da segregação racial.

## O LEGADO

A vida e a obra de Fernando Ortiz deixaram um inestimável legado tanto para a compreensão das sociedades americanas quanto para a defesa da igualdade humana e da liberdade política. Cosmopolita por vocação, foi responsável por iniciativas que visaram ao conhecimento recíproco dos diferentes grupos étnicos, à solidariedade internacional e à troca de experiências entre personalidades de diversas nacionalidades, tendo como aspiração a concórdia e a integração. Como jornalista e intelectual insurgiu-se contra o racismo, o neocolonialismo e a submissão aos esquemas mentais importados. Por meio das inúmeras entidades e revistas que criou e dirigiu, Ortiz interveio em favor do desenvolvimento da cidadania, da educação, da ciência e da cultura.

Tendo iniciado suas pesquisas com premissas racialistas herdadas do ambiente intelectual europeu, soube evoluir em

direção a uma abordagem crítica que se tornou uma referência para os estudiosos dos fenômenos étnico-raciais americanos. Por meio das suas pesquisas a respeito da história, dos hábitos e da cultura do negro, contribuiu para mostrar o seu papel como um dos pilares da sociedade de seu país e da sua identidade nacional, que ele chamava de *cubanidad*.

O estudo do negro e das raízes culturais cubanas desdobrou-se na formulação de uma nova perspectiva sintetizada no conceito de transculturação. Ortiz entendia que os fenômenos históricos cubanos não podiam ser adequadamente compreendidos nos limites do Estado nacional, pois ao longo do tempo a ilha havia sido povoada por fluxos migratórios europeus, africanos e asiáticos que se

amalgamaram formando uma nova sociedade. Mais do que um fenômeno exclusivamente cubano, pensava as fusões ou mestiçagens como a marca de todas as sociedades americanas: de corpos, ideias e produtos; de línguas, costumes e culturas; de valores, vícios e paixões. Ao elaborar o conceito de transculturação e materializá-lo em um conjunto de obras, Ortiz foi um precursor da “história atlântica”: os fenômenos culturais, políticos, econômicos e sociais deviam ser estudados nas conexões concretas que uniam o processo histórico dos povos da América, da África e da Europa. Talvez não seja exagero afirmar que a transculturação se confundia com a própria biografia de Ortiz, cubano de origem espanhola que havia transitado entre os dois lados do Atlântico.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTED VIGIL, Alicia; GONZALEZ MARTELL, Roger. “Científicos españoles exiliados en Cuba”, in *Revista de Indias*, vol. LXII, n. 2, 2002, pp. 173-94.
- CUBAS HERNANDEZ, Pedro Alexander. *O Brasil e Cuba, 1889/1902-1929. O debate intelectual sobre as relações raciais*. Tese de doutorado. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2011.
- DE LA FUENTE, Alejandro. *A nation for all: race, inequality, and politics in Twentieth Century Cuba*. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2001.
- DIAZ, Maria del Rosário. “La iniciación intelectual de Fernando Ortiz”, in *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 641, 2003, pp. 43-8.
- HELG, Aline. “Race in Argentina and Cuba, 1880-1930”, in Richard Graham (ed.). *The idea of race in Latin America, 1870-1940*. Austin, University of Texas, 1994.
- IBARRA, Jorge. “La herencia científica de Fernando Ortiz”, in *Revista Iberoamericana*, LVI, n. 152-3, 1990, pp. 1.339-451.

- LE RIVEREND, Julio. "Ortiz y su Contrapunteo", in Fernando Ortiz. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1987, pp. IX-XXXII.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.
- MOULIN-CIVIL, Françoise. "El Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar, o el nacimiento de un paradigma", in *Cahiers du CRICCAL*, n. 33, 2005, pp. 143-50.
- MYERS, Jorge. "Uma 'atlantic history' *avant la lettre*. Transcultações atlânticas e caribenhas em Fernando Ortiz", in *Sociologia & Antropologia*, v. 5, 3. Rio de Janeiro, 2015, pp. 745-70.
- NARANJO, Consuelo. "Los Caminos de la JAE en América Latina: redes y lazos al servicio de los exiliados republicanos", in *Revista de Indias*, v. 67, n. 239, 2007, pp. 283-306.
- \_\_\_\_\_. *Cuba, otro escenario de lucha. La Guerra Civil y el exilio republicano español*. Madrid, CSIC, 1988.
- \_\_\_\_\_. "Hispanización y defensa de la integridad nacional en Cuba, 1868-1898", in *Tiempo de Américas*, n. 2, 1988, pp. 71-91.
- NARANJO, Consuelo; PUIG-SAMPER, Miguel Angel. "Fernando Ortiz y las relaciones científicas hispano-cubanas, 1900-1940", in *Revista de Indias*, n. 219, 2000, pp. 502-3.
- \_\_\_\_\_. "El legado hispano y la conciencia nacional en Cuba", in *Revista de Indias*, v. 50, n. 190, 1990, pp. 789-808.
- ORTIZ, Fernando. "Cubanidad y cubanía", in *Islas*, VI, n. 2, Santa Clara, 1964, pp. 91-6.
- \_\_\_\_\_. *Los bailes y el teatro de los negros en el folklore de Cuba*. La Habana, Ediciones Cárdenas, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Hampa afrocubana: los negros esclavos*. La Habana, Revista Bimestre Cubana, 1916.
- \_\_\_\_\_. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1987.
- \_\_\_\_\_. *El engano de las razas*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Entre cubanos (psicología tropical)*. Paris, Paul Ollendorff, 1913.
- \_\_\_\_\_. *Glosario de afronegrismos*. La Habana, Imprenta El Siglo XX, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Hampa afrocubana: Los negros brujos (apuntes para un estudio de etnología criminal)*. Madrid, Librería de Fernando Fe, 1906.
- \_\_\_\_\_. *Historia de la arqueología indocubana*. La Habana, El Siglo XXI, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Historia de una pelea cubana contra los demonios*. Universidad de las Villas, 1959.
- \_\_\_\_\_. *La africanía de la música folklórica de Cuba*. La Habana, Ediciones Cárdenas, 1950.
- \_\_\_\_\_. *La Reconquista de América. Reflexiones sobre el panhispanismo*. Paris, Librería Paul Ollendorff, 1910.
- \_\_\_\_\_. *Los cabildos y la fiesta afrocubana del Día de Reyes*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Los instrumentos de la música afrocubana*. 5 tomos. La Habana, Dirección de Cultura del Ministerio de Educación, 1952-55.
- \_\_\_\_\_. *Martí y las razas*. La Habana, Molina, 1942.
- \_\_\_\_\_. "Ni racismos ni xenofobias", in *Revista Bimestre Cubana*, vol. XXIV, n. 1, La Habana, 1929, pp. 6-19.

- \_\_\_\_\_. *Principi i prostes: folleto de artículos de costumbres en dialecto menorquín*. Ciudadela de Menorca, Imprenta Fábregas, 1895.
- \_\_\_\_\_. "The relations between Black and Whites in Cuba", in *Phylon*, v. 5, n. 1, Clark Atlanta University, 1944, pp. 15-29.
- \_\_\_\_\_. *Un catauro de cubanismos; apuntes lexicográficos*. La Habana, 1923.
- PICÓN-SALAS, Mariano. *De la conquista a la independencia. Tres siglos de historia cultural hispanoamericana*. México, Fondo de Cultura Económica, 1944.
- PRATT, Mary Louyse. *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru, Edusc, 1999.
- ROJAS, Rafael. "Contra el homo cubensis: transculturación y nacionalismo en la obra de Fernando Ortiz", in *Cuban Studies*, 2004, v. 35, pp. 1-23.
- SERRANO, Carlos; UNAMUNO, Miguel de; ORTIZ, Fernando. "Un caso de regeneracionismo transatlántico", in *Nueva Revista de Filología Hispánica*, tomo 35, n. 1, 1987, pp. 299-310.
- SIMÕES, João Francisco de Oliveira. *Os projetos intelectuais de Fernando Ortiz e de Gilberto Freyre*. Tese de doutorado. Campinas, Unicamp, 2017.